
PARTICIPAÇÃO INTRAPARTIDÁRIA E SOCIAL DE FILIADOS AO PARTIDO DOS TRABALHADORES NO BRASIL

Filipe Vicentini Faeti¹

Éder Rodrigo Gimenes²

Ana Caroline Salvalajo Dechiche³

Resumo

O presente artigo trata do relacionamento de eleitores com partidos políticos no Brasil, sendo tal temática uma das mais relevantes no âmbito da Ciência Política internacional nos últimos anos, por conta tanto do afastamento ou apatia manifestados pelos eleitorados nacionais quanto pelas inflexões à direita em distintos países. Isto posto, o objetivo desta pesquisa é identificar em que medida eleitores filiados à legenda de maior destaque no Brasil, o Partido dos Trabalhadores, atuam em atividades intrapartidárias e no âmbito social. Para tanto, utilizamos base de dados coletada junto a amostra representativa de filiados ao referido partido, da qual selecionamos as variáveis que tratam de atividades participativas no interior do partido e de caráter associativo e de movimentos sociais. Tais variáveis foram analisados por meio de testes estatísticos manipulados com utilização do software R, que permitiu realizarmos a análise descritiva, bivariada, fatorial e o teste de redutibilidade. Tendo em vista o apontamento da literatura de que petistas filiados ao partido em período anterior à sua ascensão ao Governo Federal se diferenciariam de novos petistas, os resultados apontaram que velhos filiados têm maior envolvimento em atividades partidárias relacionadas aos processos eleitorais, enquanto os novos filiados desempenham mais atividades sociais, vinculadas majoritariamente a movimentos de caráter pós-material. Dado que se trata de análise inédita no Brasil, o trabalho tem caráter inovador e contribui à expansão da agenda de pesquisas sobre as relações entre eleitores e partidos políticos no país.

Palavras-Chave: Comportamento político; Partidos políticos; Participação política; Brasil; Partido dos Trabalhadores.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata do relacionamento entre eleitores e partidos políticos no Brasil, sendo tal temática uma das mais relevantes no âmbito da Ciência Política internacional nos últimos anos tanto por conta do afastamento ou apatia manifestados pelos eleitores nacionais quanto pelas inflexões à direita em distintos países. Isto posto, o objetivo desta pesquisa é identificar em que medida eleitores filiados a legenda de maior destaque no Brasil, o Partido dos Trabalhadores (PT), atuam em atividades intrapartidárias e no âmbito social.

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), fvfaeti@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7554-6145>.

² Universidade Estadual de Maringá (UEM), eder.mestrado@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-2059-186X>.

³ Universidade Estadual de Maringá (UEM), anadechicheadv@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-9642-1499>.

Isto posto, o contexto desta investigação destaca que as instituições representativas estão declínio há aproximadamente cinco décadas entre as democracias consolidadas. Nesse sentido, os estudiosos da participação política apontam o aumento no engajamento contestatório em detrimento ao tradicional (DELLA PORTA, 2003; NORRIS, 2007; DALTON, 2013), sendo que, com relação às atividades convencionais, a literatura sobre *membership* destaca a dificuldade em manter os velhos e recrutar os novos filiados (WHITELEY; SEYD, 2002), uma vez que a ausência de membros levaria ao declínio de algumas atividades essenciais ao funcionamento da organização partidária e tais atividades seriam cada vez mais coordenadas e desempenhadas por um núcleo duro partidário (SCARROW, 2015; VAN HAUTE; GAUJA, 2015).

A literatura sobre *party on the ground* é escassa na América Latina, de modo que Levitsky (2001) aponta que tal dimensão da organização partidária é inexplorada principalmente pela falta de dados. Tal observação segue corroborada nos recentes balanços bibliográficos a respeito do estado da arte do partidarismo na região, os quais reinteram o vácuo na literatura, bem como a dificuldade em replicar conceitos teóricos como apartidarismo, desalinhamento partidário e alta/baixa intensidade de participação, pois sequer podemos afirmar que houve momentos de estabilidade partidária ao observarmos o conjunto das unidades nacionais e mesmo a maior parte dos países (RIBEIRO; BORBA, 2011; LUPU, 2016; GIMENES, 2017; RIBEIRO; AMARAL, 2020).

O Brasil está inserido nesse contexto. Apesar de recente em nossa história política, vivenciamos o maior período sob o regime democrático de competição partidária, em que o sistema político brasileiro é o mais fragmentado do mundo com 32 partidos constituídos e o maior Número efetivo de partidos políticos (NEPP) relevantes no Poder Legislativo (GALLAGHER, 2020), o que prejudicaria a construção de laços efetivos com o eleitorado. Ainda com relação ao enraizamento social dos partidos políticos, apesar de grande produção científica, a maioria desses trabalhos se debruçam sobre o comportamento eleitoral e/ou identificação partidária, ao passo que pouco se produziu acerca dos filiados e sobre como os principais partidos se relacionam com seus membros.

Diante do cenário de escassa produção, a tese de Paludo (2017) se destaca no quadro teórico de estudos sobre filiados no Brasil, com foco específico no PT, especialmente por oferecer análises empíricas decorrentes de banco de dados de amostra representativa nacional da base de filiados. A principal contribuição da pesquisa foi no sentido de que a associação das variáveis tempo de filiação e idade somadas a recursos sociais e habilidades adquiridas no decorrer do processo de socialização política explicariam a intensidade de participação dos filiados petistas. Tal banco de dados é fonte de informações para nossa investigação.

A despeito do complexo trabalho realizado por Paludo (2017), alguns aspectos da participação da *membership* não foram explorados. Nesse sentido, a análise do banco de dados combinada com a literatura apresentada no decorrer deste artigo contribui para compreendermos a participação intrapartidária e social dos filiados petistas a partir da perspectiva de repertórios de atuação política (BARNES; KAASE, 1979), considerada a distinção entre velhos e novos petistas proposta pelo autor da tese mencionada no início deste parágrafo e utilizada também como categoria analítica para análise posterior (PALUDO; BORBA; GIMENES, 2018).

Na publicação mais recente, os autores constataram que o que condiciona a participação de alta intensidade dos petistas e a agenda militante seria a diferença geracional entre velhos e novos petistas (PALUDO; BORBA; GIMENES, 2018). Porém, não foram exploradas as distintas atividades mobilizadas pela *membership*, ao passo em que nesse artigo tratamos da recorrência de atuação política no âmbito social e partidário com o intuito de encontrar padrões distintos de atuação entre os velhos e novos filiados, sem preocupação com horas dedicadas às atividades ou sua distribuição num *continuum* entre baixa e alta intensidade.

Assim, ainda que o PT seja o partido político mais estudado pelos cientistas políticos brasileiros, pouco se sabe a respeito de seus filiados (e também com relação aos demais), de modo que este artigo busca contribuir à redução de lacunas desta agenda de pesquisa. Para tanto, são questões que norteiam esta análise: Quais atividades internas e sociais a *membership* petista desempenha? Como atuam os velhos e novos membros nessas atividades? Quanto participam os petistas?

Com vistas a responder tais questões, o artigo está dividido em cinco sessões. Para além desta primeira, introdutória, na próxima seção é apresentado o quadro teórico do debate acerca da crise do ativismo tradicional em democracias consolidadas e naquelas em processo de consolidação, como é o caso brasileiro, com ênfase ao estado da arte sobre a *membership* no Brasil. Na terceira seção expomos aspectos metodológicos referentes ao banco de dados e seu tratamento, enquanto a quarta seção remete à parte empírica do trabalho, com exposição dos dados e testes, bem como de respostas às questões acima levantadas. Por fim, concluímos este artigo com apontamentos que ressaltam a necessidade de expansão dos estudos sobre o tema.

2. ENGAJAMENTO TRADICIONAL E PARTIDARISMO: DAS DEMOCRACIAS CONSOLIDADAS AOS REGIMES EM CONFORMAÇÃO NA AMÉRICA LATINA E BRASIL

A introdução do artigo ressaltou a crise do engajamento tradicional em democracias consolidadas (DELLA PORTA, 2003; PUTNAM, 2003; NORRIS, 2007), o que nos coloca a necessidade de definir o que entendemos como modalidades convencionais e não convencionais. Com relação as tipologias, a mais usual no campo da participação política distingue as primeiras como relacionadas ao período eleitoral e as segundas como comportamentos contestatórios dos cidadãos.

O seminal trabalho de Milbrath (1965) foi o primeiro a conceituar a participação convencional. No modelo unidimensional do autor, as atividades se sucederiam num *continuum* dos custos e complexidades envolvidos no engajamento, de modo que seriam desenvolvidas conforme o seguinte ordenamento: votar, participar de debates políticos, representar ou filiar-se a algum partido, influenciar decisões políticas, participar de campanhas políticas e instâncias decisórias de algum partido, usar broche do partido, fazer contatos políticos, assistir comícios, candidatar-se a algum cargo público e ocupar esses cargos.

As análises centradas em tal conjunto de atividades envolvidas a modelos de participação reconhecidos socialmente excluíam a possibilidade de associação a outras modalidades de atuação, como os protestos, organizações da sociedade civil e movimentos sociais. No entanto, durante a década de 1970, assistiu-se à crescente disseminação de novas práticas de participação, definidas por Norris (2007) como *cause-oriented*, endereçadas as elites políticas e caracterizadas como práticas de contestação pública. Tais novas práticas comportamentais reordenaram a perspectiva de recursos e práticas dos ativistas políticos, sendo que Della Porta (2003) destaca que esses comportamentos se desdobraram em modalidades de participação classificadas como não tradicionais, como bloquear trânsito, assinar petição, depredar patrimônio público, ocupar prédios públicos e empregar a violência.

O campo comportamental destaca o desinteresse dos cidadãos em assumirem compromissos a longo prazo, ao passo que as mudanças nas preferências individuais incentivam os ativistas a se engajarem em modalidades de atuação menos custosas e mais horizontalizadas. A opção por atuar em atividades contestatórias em detrimento à convencionais é interpretada por estudiosos da teoria da modernização (INGLEHART; WELZEL, 2009) e da teoria crítica (NORRIS, 1999).

Tendo em vista que essas transformações não ficaram restritas aos valores e afetaram o comportamento dos cidadãos, vários estudiosos apontam para o declínio da participação tradicional (DALTON; WATENBERG, 2002; WHITELEY; SEYD, 2002; SCARROW; 2014) e crescimento

do engajamento contestatório (NORRIS, 2007; BORBA; RIBEIRO, 2010; RIBEIRO; BORBA, 2015; GIMENES, 2017).

Há que se destacar que os estudiosos do comportamento político indicam a possibilidade de combinar as modalidades de participação por meio de repertórios de participação, a depender dos recursos finitos, conjuntura restrita e a natureza da reivindicação, o que significa assumir que os militantes podem integrar formas de atuação ou desempenhar atividades específicas, com destaque a *Political Action* (BARNES; KAASE, 1979), primeiro trabalho a incluir as atividades contestatórias em tipologia da participação política. Ao contrário dos estudiosos que consideravam prejudiciais as ondas de protestos que atingiram as democracias consolidadas na década de 1970, os autores identificaram essas práticas como modalidades utilizadas para reivindicarem a inclusão e a representação política. Trabalhos posteriores revelaram a utilização de repertórios de participação política em democracias consolidadas (DELLA PORTA, 2003; MCADAM *et al*, 2009), o que também foi identificado para a América Latina (BORBA; RIBEIRO, 2011) e Brasil (BORBA; GIMENES; RIBEIRO, 2015).

No que tange especificamente ao desengajamento partidário, Gimenes (2017) apresenta um balanço de literatura em que afirma que estudiosos apontam para fatores estruturais e individuais, pautado no argumento de que a literatura sobre o tema aponta as mudanças nas preferências individuais e o desinteresse em assumir compromissos a longo prazo como condicionantes do distanciamento. Por outro lado, para a literatura organizacional, o afastamento decorreria da dependência dos recursos estatais essenciais à sobrevivência da organização partidária, em que consiste uma crítica à teoria democrática no sentido de que, ao atribuírem centralidade à face representativa, simultaneamente generalizam a crise e desconsideram as demais dimensões partidárias: pública e administrativa (KATZ; MAIR, 1995; DALTON; MCALLISTER; WATENBERG, 2002; MAIR, 2003).

Pouco se sabe a respeito da *party on the ground*, principalmente no que diz respeito a *membership*. Tal limitação advém da escassez de dados confiáveis sobre filiados, da falta de perguntas específicas nas pesquisas de opinião pública e *surveys* a respeito desse grupo e das inconsistências dos registros partidários (SCARROW, 2015; GAUJA; VAN HAUTE, 2015; RIBEIRO; AMARAL, 2020). Fato é que, conforme Whiteley e Seyd (2002), a crise do ativismo tradicional atinge a *party on the ground*, uma vez que a dificuldade dos partidos em manter os velhos e recrutar novos filiados prejudica a organização partidária, na medida em que as atividades essenciais para o funcionamento do dia-a-dia partidário são realizadas pelos filiados.

A publicação de *High-Intensity Participation: The Dynamics of Party Activism in Britain* pavimentou o caminho de expansão da agenda de estudos sobre filiados a partidos políticos, principalmente no contexto europeu, na medida em que estudiosos replicaram, expandiram e/ou dialogaram com seus principais resultados (WHITELEY, 2011; SCARROW, 2015; GAUJA, VAN HAUTE, 2015; WITHELEY *et al.*, 2019). Apesar desses avanços, na revisão de literatura presente em Faeti (2020), considerada a diversidade teórica, metodológica e empírica dos estudos a respeito do comportamento da *membership*, foram enumeradas três perguntas que perpassam tal agenda: Quem são os filiados? Qual é a importância e a sua importância para organizações? Por que os eleitores buscam a filiação?

Os estudos que respondem a primeira pergunta giram em torno da comparação do perfil social e atitudinal dos filiados e eleitores nacionais e geralmente destacam a centralidade do primeiro em relação ao segundo (SEYD; WHITELEY, 1992; WHITELEY; SEYD, 2002). Já os trabalhos que buscam responder à segunda questão ressignificam a importância dos filiados como recursos estratégicos para campanhas políticas, com destaque à abordagem *multi-speed levels*, o principal avanço deste campo (SCARROW, 2015; VAN HAUTE; GAUJA, 2015). Por fim, as pesquisas que abordam o terceiro ponto definem como racionais os agentes e atores envolvidos na associação, os quais analisam os custos e benefícios da participação (VAN HAUTE *et al.*, 2017; SCARROW, 2018).

Em contexto de democracias em processo de consolidação, como a maioria dos países latino-americanos, ainda é incipiente a agenda de estudos a respeito da *membership*. Conforme destaca Gimenes (2017), o principal problema é de natureza empírica, pois, por um lado, são escassas as *surveys* que contêm baterias de perguntas para filiados, ao passo que os registros partidários se constituem como materiais inconsistentes pela falta de critério de organização dos dados e também de atualização das entradas e saídas dos membros. Diante deste cenário, a *party on the ground* é considerada a caixa-preta dos estudos partidários da região (LEVITSKY, 2001; SPECK, 2013; PALUDO, 2017; RIBEIRO; AMARAL, 2020).

No que tange especificamente ao caso brasileiro, nos últimos anos assistiu-se a expansão da agenda que trata especificamente do enraizamento social dos partidos, porém, em sua maioria, os trabalhos abordam a temática pela identificação partidária e partidarismo, enquanto são escassos estudos a respeito dos filiados brasileiros. Diante deste cenário, Gimenes *et al.* (2019) e Faeti (2020) fornecem um panorama da baixa produção sobre *membership* no Brasil.

Considerando aspectos de nossos sistemas eleitoral, político e partidário, o pessimismo a respeito da ingovernabilidade em razão da combinação entre presidencialismo, federalismo e representação proporcional não se confirmaria. Contudo, é imperioso destacar que apresentamos uma cultura política personalista, baixa escolarização e renda dos eleitores, o que dificultaria o enraizamento social dos partidos políticos, indicativo que é reforçado empiricamente pela vitória eleitoral de Jair Bolsonaro na última eleição presidencial, atualmente sem partido e considerado um *outsider*.

A exceção no cenário brasileiro seria o Partido dos Trabalhadores (PT), constituído por setores da sociedade envolvidos na luta pela redemocratização. Durante a sua trajetória, o PT concentrou as taxas de partidarismo, identificação partidária e filiação, que o contribuiu à vitória na eleição presidencial de 2002 e colabora para que permaneça válida a colocação de Singer (2000) de que o partido é a espinha dorsal do sistema partidário brasileiro, na medida em que os demais atores tomam posicionamento político de acordo ou não com as posições do partido (GIMENES, 2018).

Neste artigo, particularmente nos interessam os resultados de Paludo (2017) e Paludo, Borba e Gimenes (2018). A novidade dos trabalhos girou em torno da apresentação de resultados de análises decorrentes do primeiro banco de dados de amostra representativa nacional de filiados partidários no Brasil, o que possibilitou aos autores analisar os condicionantes da participação de alta-intensidade dos militantes petistas, de modo que identificar se as transformações ocorridas no petismo durante a sua guinada da sociedade ao Estado incidiram sobre a trajetória da militância partidária.

Neste artigo, nossa investigação, conforme anteriormente mencionada, gira em torno de compreender como os filiados que ingressaram no PT em distintos períodos da história da legenda atuam politicamente, no interior do partido em na sociedade. Para tanto, expomos a seguir a categorização metodológica dos perfis e demais aspectos técnicos para, posteriormente, respondermos às perguntas expostas na introdução deste texto.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Iniciamos esta seção com uma breve exposição acerca da base de dados utilizado neste artigo. Trata-se de banco relacionado à tese de doutorado em Sociologia Política de Paludo (2017), coletado no período entre o PED 2013 e março de 2014 junto a uma amostra representativa dos

filiados ao PT em termos de sexo, faixa etária e região geográfica, o que totalizou 625 casos. Trata-se do mesmo banco utilizado também por Paludo, Borba e Gimenes (2018).

Em se tratando de procedimentos analíticos, nossa variável central é o perfil dos filiados ao PT, aqui classificados como velhos e novos em diálogo com os trabalhos apresentados no parágrafo acima. Tal classificação considerou como velhos filiados aqueles que ingressaram no partido desde sua fundação até o ano de 2002, que marca um recorte temporal da amostra em virtude da vitória petista na eleição presidencial de 2002 (RIBEIRO, 2008; AMARAL, 2010; SINGER, 2012), sendo que os filiados a partir de 2003 foram considerados como novos petistas. Assim, ambos os trabalhos buscaram identificar padrões de militância entre os velhos (vinculados entre 1980 e 2002) e os novos filiados (membros entre 2003 e 2014), o que se confirmou empiricamente com relação à intensidade do engajamento dos grupos.

Neste artigo, mobilizamos o recorte temporal e o banco de dados de amostra representativa nacional já tratada por Paludo (2017) e por Paludo, Borba e Gimenes (2018), porém - em virtude da diferença entre as hipóteses, referencial teórico e objetivos - buscamos analisar aspectos não abordados pelos autores a respeito da participação partidária e social dos filiados petistas, de modo que a análise dos dados à luz do corpo teórico apresentado neste artigo ajudará a compreendermos quais atividades internas e sociais a *membership* petista desempenha, como atuam os velhos e novos membros nessas atividades e quanto participam os petistas.

Para tanto, na próxima seção apresentaremos tabelas que sistematizam nossas análises descritiva, bivariada, fatorial e de redução de dados a indicadores. A análise descritiva refere-se à interpretação da distribuição da amostra conforme a recorrência de manifestação de realização de cada uma das atividades, enquanto a análise bivariada foi conduzida por meio de testes de associação que visaram destacar a existência de diferenciação entre a realização de cada atividade entre os distintos grupos de petistas, para o que utilizou-se o teste de Kendall's Tau b, considerado o nível de significância ,050 como aceitável, no sentido de ser representativo para a população investigada (BARBETTA, 2011).

Já a análise fatorial e o teste de redução (ou de redutibilidade) têm como finalidade a verificação da relação entre as modalidades de participação, a fim de permitir a conversão de conjuntos de variáveis em indicadores agrupados. Enquanto o primeiro teste busca identificar se indivíduos que desenvolvem determinadas atividades também participam de outras por meio da observação de cargas fatoriais, o segundo visa comprovar o relacionamento de tais variáveis a ponto de autorizar sua transformação em um índice agregado. Em nossos testes, consideramos o valor de 0,50 como critério aceitável para as

análises, assim como adotado por Borba, Gimenes e Ribeiro (2015) com relação à análise fatorial e destacado como considerado representativo por Barbetta (2011) para o Alpha de Cronbach (redução).

4. PARTICIPAÇÃO PARTIDÁRIA E SOCIAL DE FILIADOS AO PT

Conforme exposto na introdução deste artigo, neste texto temos por finalidade responder a três questionamentos: Quais atividades internas e sociais a *membership* petista desempenha? Como atuam os velhos e novos membros nessas atividades? Quanto participam os petistas? Cada uma dessas respostas demandam a análise de duas baterias de questões referentes, sendo que a primeira questão remete às análises descritivas constantes nas tabelas 1 e 2, a segunda questão tem respostas nas análises bivariadas expostas nas tabelas 3 e 4 e o terceiro questionamento é respondido por meio das análises fatoriais e dos testes de redução de dados das tabelas 5 e 6.

Com relação às atividades desempenhadas pelos filiados no âmbito partidário, a tabela 1 aponta a recorrência de engajamento em atividades relacionadas ao período eleitoral, uma vez que, independentemente do nível da eleição (se nacional, estadual ou municipal), há expressiva atuação dos petistas. Cabe destacar ainda que maioria dos filiados participam de reuniões do partido, enquanto as demais atividades são desenvolvidas pela minoria dos membros. A organização partidária, responsável pela singularidade petista na persistência como principal ator no sistema partidário nacional (SINGER, 2000), destacou-se como atividade com menor engajamento dos filiados.

Tabela 1. Atividades partidárias mobilizadas pelos filiados petistas

Participou de campanha estadual e nacional	65,3%
Participou de campanha municipal	65,1%
Participou de reuniões	55,7%
Assinou abaixo-assinados	44,2%
Distribuiu panfletos	39,8%
Realizou contatos sociais com políticos do PT	35%
Ajudou na fiscalização das eleições	31%
Doou dinheiro para partido e campanhas	24%
Ajudou na organização do Partido	23,8%
Desenvolveu outras atividades	16,3%

N=625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2017)

Assim, pode-se inferir que os dados apontam o foco central dos filiados petistas nas disputas eleitorais, em detrimento a própria organização do partido, ainda que, em alguma medida, tal informação possa ser matizada pelo fato de as atividades de campanha mobilizarem mais indivíduos em comparação a gestão partidária (RIBEIRO, 2008; AMARAL, 2010; PALUDO, 2017). Uma explicação plausível a este resultado remete às escolhas das lideranças partidárias durante o período Campo Majoritário (1995 – 2005), uma vez que a constante burocratização da estrutura partidária levaria o partido a prescindir do trabalho dos filiados, à exceção do período eleitoral, em razão dos elevados recursos humanos demandados na campanha política. O PT teria substituído tal participação ativa dos membros pelo Processo de Eleição Direta (PED), ao conceder o direito de escolha de lideranças partidárias a todos os membros em dia com sua contribuição. Essa estratégia configura um processo interpretado de maneira contraditória por especialistas, uma vez que Ribeiro (2010) classificou este processo como a “pá-de-cal” na lógica partidária baseada em encontros de todos os níveis para escolha das lideranças do partido, enquanto Amaral (2010) considerou este processo democrático pelo simples motivo de atribuir o direito de voto aos filiados.

A tabela 2 apresenta os vínculos sociais dispostos em três categorias: aqueles relacionados às atividades das quais os indivíduos participavam antes de ingressar no PT e que deixaram de se relacionar com o passar dos anos (anteriores e finalizados); os vínculos existentes antes da filiação e que continuam ativos (anteriores e atuais); e os vínculos sociais iniciados após o ingresso formal no partido, que persistiam ao menos até a aplicação do questionário (posteriores e atuais).

Tabela 2. Atividades e vínculos sociais mobilizadas pelos filiados petistas

	Anteriores finalizados	Anteriores e atuais	Posteriores e atuais
Movimentos sociais	27,2 %	33,1 %	20,6 %
Sindicato	20,3 %	24,6 %	14,7 %
Associação comunitária	15,7 %	25,6 %	8,5 %
Igreja	19,7 %	26,6 %	5,1 %
Movimento ambiental	7,0 %	23,2 %	9,0 %
Movimento LGBTT	2,2 %	24,0 %	6,6 %
Movimento Estudantil	33,3 %	15,4 %	5,4 %
Movimento de Mulheres	5,1 %	23,2 %	14,1 %
Outros	8,6 %	18,7 %	13,8 %

N=625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2017)

Considerando as colunas que apresentam dados referentes aos vínculos anteriores à filiação no PT, os resultados reiteram Meneguello (1989) e Keck (1991) ao destacar a recorrência de vínculos aos movimentos sociais, sindicatos e igreja, historicamente demarcados como segmentos que participaram da constituição histórica da legenda. Ademais, ao nos debruçarmos sobre as colunas que remetem aos vínculos anteriores, constatamos que a maioria dos vínculos foi mantida até o momento da coleta de dados, uma vez que os relacionamentos anteriores e atuais concentraram maiores percentuais do que os anteriores finalizados. A exceção é o movimento estudantil, relacionada à condição etária ou ciclo de vida dos indivíduos (PALUDO, 2017; PALUDO; BORBA; GIMENES, 2018).

No que diz respeito aos vínculos atuais dos filiados, observamos os percentuais expostos nas duas últimas colunas, os que denotam que houve redução no percentual atual de membros com vínculos tradicionais (setores progressistas da igreja, sindicatos, associações comunitárias e movimentos estudantis), ainda que movimentos sociais correspondem ao maior vínculo atual dos filiados. Ademais, ao compararmos os vínculos findados após o ingresso no partido e aqueles posteriores à filiação, é perceptível o crescimento de engajamento em temáticas pós-materialistas ou às pautas dos novos movimentos sociais: o ambientalismo e os direitos de minorias, referentes às mulheres e à comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros (LGBTT).

Diante do cenário esboçado na tabela 2, inferimos que houve alterações no perfil associativo da base de filiados do PT, com a redução do associativismo tradicional e fortalecimento, ainda que relativamente pequeno até o momento, de grupos com pautas dos novos movimentos sociais.

Para responder à segunda questão colocada em nossa introdução - Como atuam os velhos e novos membros nessas atividades? - procedemos a realização de testes de associação com vistas a verificar a existência de relacionamento entre o perfil/tempo de filiação (velhos x novos filiados) e a manifestação de engajamento em cada atividade (ausência x presença de participação).

Tabela 3. Frequência de atividades partidárias desempenhadas pelos velhos e novos petistas

Atividades	Velhos filiados (%)	Novos filiados (%)	Tau b	Sig
Fiscalização do partido	16,8	13,4	-,154	,000
Organização do partido	12,7	11,4	-,106	,009
Assinar abaixo-assinado	20,1	23,3	-,041	,315
Participar de campanhas em geral	25,7	29,1	-,167	,000
Distribuir panfletos	20,1	18,8	-,124	,002
Doar dinheiro ao partido	12,0	11,2	-,086	,035
Participar de reuniões	25,7	29,1	-,065	,106
Participar de campanhas municipais	30,8	34,8	-,078	,052

Contatos sociais com políticos do PT	18,5	16,5	-,129	,001
--------------------------------------	------	------	-------	------

N=625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2017)

Das nove atividades intrapartidárias expostas na tabela 3, constatamos a existência de relacionamento significativo e negativo entre as variáveis, o que indica que velhos filiados tendem ao engajamento mais frequente nas seguintes atividades, aqui expostas em ordem decrescente de intensidade de relacionamento (Tau b): participação em campanhas em geral, fiscalização das atividades partidárias, estabelecimento de contatos sociais com políticos do partido, distribuição de panfletos, organização do partido e doação de dinheiro. Próximo ao limite de significância destaca-se ainda a participação em campanhas municipais, ao passo que não verificamos diferenciação no envolvimento de velhos e novos filiados com relação à participação em reuniões e à assinatura de abaixo-assinados.

De maneira sucinta, nossos resultados apontam o protagonismo dos filiados anteriores ao período pós-sucesso na eleição presidencial de 2002 no que tange às atividades partidárias, o que dialoga, em alguma medida, com os achados de Ribeiro (2010) ao indicarem o tempo de filiação como um importante recurso de poder para ascensão dos filiados na estrutura do partido, visto que a maioria dos quadros intermediários da estrutura do partido seriam ocupados por petistas históricos, mais engajados nas atividades. Ademais, a participação dos velhos filiados nas atividades relacionadas à organização partidária é relevante no sentido de que, de acordo com Singer (2000), tal atividade é responsável pela manutenção do partido enquanto espinha dorsal do sistema partidário brasileiro, o que implica inferior que os velhos petistas não apenas coordenam como também desempenham majoritariamente as atividades relacionadas ao ambiente partidário.

Com relação à participação social, consideramos para os testes de associação o somatório de respostas que remetem aos vínculos atuais dos filiados petistas, aqui independentemente de seu estabelecimento em momento anterior ou posterior ao relacionamento formal com o partido. Para tais cruzamentos, apenas quatro dos nove testes retornaram resultados significativos estatisticamente e todos foram positivos, indicando o maior engajamento de filiados que ingressaram no PT após a chegada de Lula à presidência em sindicatos, no associativismo comunitário e em movimentos estudantis e de mulheres. No que diz respeito a tais associações, o maior engajamento dos novos filiados na estrutura sindical remete ao envolvimento do novo sindicalismo na constituição histórica do partido, de modo que, embora tenha perdido força durante a década de 1990, uma grande quantidade de filiados petistas ainda mantém vínculos associativos com o movimento. Tal resultado dialoga com aquele exposto na tabela 2 e reforçado por pesquisa

recente de Ribeiro e Amaral (2020), cuja investigação sobre recrutamento partidário destacou a importância do sindicalismo ao petismo, tendo em vista que 24% dos petistas filiaram-se ao partido estimulados pelo movimento sindical.

A maior atuação de novos petistas em atividades comunitárias, em partes, se dá pela influência de setores progressistas do catolicismo na constituição do partido, sobretudo relacionados às comunidades eclesiais de base (CEBs), e por sua concentração no período atual, apesar do crescimento de filiados evangélicos. Trata-se de indivíduos que realizam trabalhos comunitários e se reconhecem como agentes políticos autônomos, portadores de direitos perante o Estado, o que remete à lógica de atuação baseada em incentivos coletivos, que ainda prevalece no partido.

Com relação à maior participação de novos filiados no movimento estudantil, justifica-se tal condição pelo ciclo de vida e idade dos indivíduos (PALUDO, 2017; OKADO, 2018), ao passo que o maior engajamento de novos filiados vinculados ao movimento de mulheres remete à ligação histórica entre o movimento de mulheres e o partido (RIBEIRO, 2008; AYRES, 2018).

Tabela 4. Frequência de atividades sociais desempenhadas pelos velhos e novos petistas

Atividades	Novos Filiados (%)	Velhos Filiados (%)	Tau b	Sig
Participação em organização e movimentos	30,7	23,2	,025	,530
Participação em sindicato	24,0	15,0	,092	,021
Participação em ação comunitária	20,9	12,8	,088	,028
Participação em igreja	18,3	13,1	,032	,431
Participação em movimento ambiental	18,0	13,8	,007	,871
Participação em movimento LGBTT	18,3	11,7	,068	,089
Participação de movimento estudantil	14,6	5,6	,163	,000
Participação de movimento de mulheres	22,1	13,1	,088	,027
Participação em outros movimentos	19,5	13,2	,053	,187

N=625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2017)

Com relação aos demais vínculos, a ausência de significância implica afirmar que o engajamento em organizações e movimentos sociais e na igreja são recorrentes entre os filiados em distintos momentos, o que reafirma as bases sociais do petismo, à exceção do sindicalismo. Contudo, há que se ressaltar ainda o envolvimento homogêneo de filiados nas pautas pós-materialistas presentes no questionário (movimentos ambientais e por direitos LGBTT), o que denota o compromisso dos filiados com pautas historicamente progressistas e em defesa da democracia, especialmente considerando o impacto da articulação de distintos movimentos na luta

pela redemocratização entre o fim da década de 1970 e o início dos anos 1980, período de fundação do PT.

Após a realização de tais testes, avançamos ao terceiro questionamento esboçado nesta discussão: Quanto participam os petistas? Investigamos se os filiados petistas mobilizam repertórios de ação política (BARNES; KAASE, 1979; BORBA, 2012), ou seja, se utilizam distintos mecanismos de atuação nas esferas intrapartidária e social, para o que utilizamos testes de análise fatorial e de redução de dados. Aqui cabe destacar que os resultados tratam do conjunto de filiados sem distinção entre velhos e novos petistas, uma vez que Faeti (2020) identificou que resultados semelhantes para ambos os testes mencionados entre os diferentes grupos, afirmando a possibilidade de tratamento dos dados de maneira homogênea no que tange às modalidades de participação.

A análise fatorial para as atividades intrapartidárias demonstra, a partir das cargas fatoriais expostas, que existe homogeneidade no desenvolvimento dessas atividades entre os petistas, ou seja, que majoritariamente aqueles que se envolvem com as atividades internas ao partido tendem ao engajamento em múltiplas atividades, quando analisamos os filiados em geral. As cargas fatoriais, inclusive, carregaram valores próximos para todas as atividades entre o conjunto de dados, à exceção da ajuda na organização das atividades do partido.

Tabela 5. Análise fatorial para atividades partidárias

Atividades	Carga
Campanha municipal	0,729
Campanha nacional e estadual	0,682
Participou das reuniões	0,687
Assinou abaixo-assinados	0,749
Distribuiu panfletos	0,769
Contatos sociais com políticos do PT	0,615
Ajudou na fiscalização das eleições	0,678
Doou dinheiro para partido e campanhas	0,653
Ajudou na organização do partido	0,541
Alpha	0,855

Notas: Extração por análise de Componentes Principais, com rotação Varimax, normalização Kaiser e correlação tetracórica. N=625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2017)

A última linha da tabela expõe o valor encontrado para o teste Alpha, que indica a possibilidade de redução do conjunto de modalidades de atuação intrapartidária a uma única

medida, que denominamos Índice de Participação Partidária. Tal indicador tem extensão de 10 pontos entre 0 e 9, sendo que cada ponto na escala remete ao número de atividades que os filiados declararam realizar.

Tabela 6. Índice de Participação Partidária

Número atividades	Frequência	Percentual	Percentual acumulado
0	68	10,8	10,8
1,00	130	20,8	31,6
2,00	61	9,7	41,4
3,00	54	8,6	50,0
4,00	57	9,1	59,2
5,00	55	8,8	68,0
6,00	57	9,1	77,1
7,00	50	8,0	85,1
8,00	46	7,3	92,4
9,00	47	7,5	100
Total	625	100	

N=625

Média = 3,84

Moda = 1,00

Desvio = 2,88

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2017)

Com relação aos resultados dispostos na tabela 6, destacam-se as quantidades de filiados que não atuam em nenhuma atividade e que se engajam em somente uma modalidade de participação partidária, o que permite inferir que quase um terço de filiados tem pouquíssima ou nenhuma atuação partidária. Por outro lado, 68,3% desenvolvem ao menos duas atividades. Observando a média de atuação, temos que cada filiado petista se engajaria em praticamente 4 das nove modalidades constantes no questionário, resultado expressivo e positivo, especialmente se comparado com democracias consolidadas. Em tais países, o estudo comparativo de Van Haute e Gauja (2015) encontrou média de ativismo partidário inferior.

Diante do exposto, cabe ainda sinalizar que o engajamento dos filiados petistas em atividades partidárias contraria, ainda que parcialmente, o diagnóstico da queda do ativismo partidário em prol da atuação em movimentos mais horizontalizados e menos onerosos, principalmente no contexto de democracias industriais (WHITELEY; SEYD, 2002; DELLA PORTA, 2003; NORRIS, 2007; SCARROW, 2007; WHITELEY, 2011). Contudo, cabe ressaltar que se trata do estudo referente a um partido do contexto nacional brasileiro.

Com relação à participação social, identificamos - assim como na tabela 5 - cargas fatoriais e valor de Alpha de Cronbach que permitem a redução do conjunto de modalidades de atuação a um

indicador, o que denota, também, a existência de utilização de repertórios de atuação social pelos filiados. Nesse sentido, a maneira como se comportam com relação à combinação de repertórios foi explorada a partir da criação do Índice de Participação Social.

Tabela 7. Análise fatorial para participação social

Atividades	Carga
Participação em organização e movimento	,523
Participação em sindicato	,654
Participação em associação comunitária	,741
Participação em movimento em igreja	,699
Participação em movimento ambientalista	,814
Participação em movimento LGBT	,847
Participação em movimento estudantil	,684
Participação em movimento de mulheres	,785
Participação em outros movimentos	,461
Alpha	,862

Notas: Extração por análise de componentes principais, com rotação Varimax e normalização Kaiser.

N=625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2017)

O Índice de Participação Social tem escala e maneira de interpretação semelhante ao Índice de Participação Partidária, de modo que os resultados expostos na tabela 8 apontam inicialmente que 39,3% dos filiados não se engajam em atividades associativas ou o fazem por meio de um único vínculo, o que significa que é maior o percentual daqueles pouquíssimo ou nada envolvidos com a participação política na esfera social em comparação com a atuação intrapartidária.

Tabela 8. Índice de Participação Social

Número atividades	Frequência	Percentual	Percentual acumulado
0	122	19,5	19,5
1,00	124	19,8	39,4
2,00	95	15,2	54,6
3,00	72	11,5	66,1
4,00	42	6,7	72,8
5,00	23	3,7	76,5
6,00	26	4,2	80,6
7,00	30	4,8	85,4
8,00	47	7,5	93
9,00	44	7	100
Total	625	100	

N=625

Média = 3,12

Moda = 1,00

Desvio = 2,91

Fonte: Survey de Paludo (2017)

Ainda que menor do que a média para o índice anterior, a tabela 8 permite inferir que os filiados também fazem uso de repertórios de ação política na esfera social, de modo que podemos inferir que se utilizam, em média, de cerca de três das nove possibilidades associativas constantes no questionário. Assim, os resultados confirmam, ainda que parcialmente, o aumento do ativismo entre as modalidades sociais de participação no contexto de jovens democracias, como a brasileira (WHITELEY; SEYD, 2002; DELLA PORTA, 2003; WHITELEY; 2011; RIBEIRO; BORBA, 2015; GIMENES, 2017). Ademais, considerando a atuação dos filiados em modalidades de participação social como indicador, os dados sugerem existir um elo expressivo entre o partido e a sociedade civil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, abordamos o relacionamento dos eleitores com os partidos políticos no Brasil sob a perspectiva do recorte de um objeto ainda pouco explorado pela literatura: os filiados. Para tanto, desenvolvemos análises baseadas em um banco de dados decorrente de amostra representativa dos indivíduos formalmente vinculados ao PT, tendo como objetivo identificar em que medida tais atores atuam em atividades intrapartidárias e no âmbito social. Para tanto, definimos nosso caminho analítico a partir de três questionamentos, cujos resultados sintetizamos nestas considerações.

A partir das tabelas 1 e 2 respondemos quais atividades internas e sociais a *membership* petista desempenha. O primeiro conjunto de resultados evidenciou que a maior parte dos respondentes atuava por meio de múltiplas atividades tanto no interior do partido quanto em seus vínculos sociais. De maneira mais detalhada, verificou-se a força do envolvimento em campanhas eleitorais e em reuniões como atividades partidárias tradicionais em detrimento à organização do partido, por um lado, e a elevação do engajamento social relacionado a pautas de direitos de minorias e ambientais, por outro lado.

Assim, respondemos como atuam os filiados petistas e identificamos a alteração na lógica de funcionamento entre a organização partidária e a base de filiados petista, modificando a natureza dos vínculos intrapartidários e sociais do partido. O resultado deste processo foi a troca da qualidade da militância partidária pela quantidade de filiados, o que, aliado ao fenômeno do

lulismo, alterou o perfil do petista médio (RIBEIRO, 2008; AMARAL, 2010; SINGER, 2012; PALUDO, 2017). Em menor medida, fenômeno análogo ocorreu em relação aos setores sociais ligados ao partido, de modo que grupos históricos pautados na clivagem do capital-trabalho cederam espaço, em alguma medida, às pautas identitárias.

Respondemos como atuam os velhos e novos membros nessas atividades por meio da discussão dos dados das tabelas 3 e 4. Os resultados apontaram que a diferenciação não é pertinente para todas as formas de participação, mas que, quando significativa, remete a distintos grupos de destaque: velhos filiados se engajariam mais em atividades partidárias e novos filiados seriam mais atuantes no que tange à participação social. Este resultado permitiu inferir que os velhos filiados compõem o núcleo do partido, responsáveis pelo seu funcionamento ao articular, coordenar e mobilizar tais atividades, ao passo que os novos filiados formalizaram ou mesmo estabeleceram seus vínculos com o partido motivados pela condição do PT no Governo Federal.

Por fim, nas tabelas 5 a 8 nos debruçamos sobre quanto participam os petistas, para o que tanto as análises fatoriais quanto os testes de redução e os indicadores estabelecidos - Índices de Participação Partidária e Social - permitiram inferir a utilização de repertórios de ação política em ambas as esferas, com destaque à maior recorrência de múltipla atuação no âmbito intrapartidário. Contudo, cabe também destacar que mais de 30% dos filiados pouco ou nada se envolve com o partido e que quase 40% não possui vínculos sociais ou goza de apenas um.

Para além destes resultados, é pertinente destacar um aspecto a avançar em nossa agenda de pesquisas: a realização de testes com vistas a combinar as distintas esferas de atuação dos filiados, intrapartidária e social, a fim de constatar se a mobilização de repertórios de atuação política pelos petistas também ocorre no sentido de que aqueles que se utilizam de múltiplas estratégias no âmbito partidário também possuam muitos vínculos associativos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, O. M. E. **As transformações na organização do Partido dos Trabalhadores entre 1995 e 2009**. Tese [Doutorado]. UNICAMP: Campinas, SP, 2010.
- Ayres, C. S. L. D. S. S. (2018). **Quem são elas?: paridade de gênero, origens e carreiras nas direções petistas**.
- BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 7. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

BARNES, S; KAASE, M. **Political Action**: mass participation in five western democracies. Beverly Hills, Sage, 1979.

BORBA, J. Participação política: uma revisão dos modelos de classificação. **Sociedade e Estado**, v.27, n. 2, p. 263-288, 2012.

BORBA, Julian ; GIMENES, Éder Rodrigo ; RIBEIRO, Ednaldo Aparecido . Participação e repertórios políticos: uma análise dos engajamentos múltiplos dos brasileiros na política. In: SCHERER- WARREN, Ilse; LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. (Org.). Movimentos sociais e engajamento político: trajetórias e tendências analíticas. 1ed.Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC), 2015, v. 1, p. 101-132.

BORBA, J.; RIBEIRO, E. A. Participação convencional e não convencional na América Latina. In: BAQUERO, M. (Org.). **Cultura(s) políticas(s) e democracia no século XXI na América Latina**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 95-118, 2011.

DALTON, R. J. **The apartisan American**: dealignment and changing electoral politics. Washington, DC: Sage, 2013.

DALTON, R. J.; McALLISTER, I.; WATTENBERG, M. P. Democracia e identificação partidária nas sociedades industriais avançadas. **Revista Análise Social**, v. 38, n. 167, p. 295-320, 2003.

DALTON, R. J.; WATTENBERG, M. P. **Parties without partisans**: political change in advanced industrial democracies. Oxford: Oxford University, 2002.

DELLA PORTA, D. **Introdução a Ciência Política**. Lisboa: Estampa, 2003.

FAETI, Filipe Vicentini. **Como atuam os filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT): Um estudo exploratório**. Dissertação [Mestrado]. UEM: Maringá, PR, 2020.

GALLAGHER, Michael. Election índices. Political Science, On-line, 2020. Disponível em: <https://www.tcd.ie/Political_Science/people/michael_gallagher/ElSystems/Docts/ElectionIndices.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

GIMENES, Éder Rodrigo; RIBEIRO, Ednaldo Aparecido ; LAZARE, Danilo César Macri ; FURRIEL, Wesley Oliveira. Determinantes da filiação partidária no Brasil. *Revista Latino-Americana de Opinião Pública*, v. 8, p. 209-244, 2019.

GIMENES, Éder Rodrigo. Considerações sobre as relações entre eleitores e partidos políticos no Brasil. In: Luiz Fux; Luiz Fernando Casagrande Pereira; Walber de Moura Agra; Luiz Eduardo Peccinin. (Org.). Tratado de Direito Eleitoral - Direito partidário. 1ed.Belo Horizonte: Fórum, 2018, v. 2, p. 109-133.

GIMENES, É. R. **Eleitores e partidos políticos na América Latina**. Curitiba: Appris, 2017.

INGLEHART, R.; WELZEL, C. **Modernização, mudança cultural e democracia**: a sequência do desenvolvimento humano. São Paulo: Francis, 2009.

KATZ, R.; MAIR, P. Changing Models of Party Organization and Party Democracy: The Emergence of the Cartel Party. **Party Politics**, London, v. 1, n. 1, p. 5-28, 1995.

KECK, M. PT, **A Lógica da Diferença**: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira. São Paulo: Ática, 1991.

Levitsky, S. (2001). **Inside the black box: recent studies of Latin American party organizations**. *Studies in comparative international development*, 36(2), 92-110.

Lupu, N. (2016). *Party brands in crisis: Partisanship, brand dilution, and the breakdown of political parties in Latin America*. Cambridge University.

MAIR, P. Os partidos políticos e a democracia. **Revista Análise Social**, Lisboa, v. 38, n. 167, p.277-293, 2003.

McADAM, D., Tarrow, S., & Tilly, C. (2009). Para mapear o confront político. **Lua nova: Revista de cultura e política**, (76), 11-48.

MENEGUELLO, R. **PT**: Inovação do sistema partidário brasileiro. Estudo da Formação e Organização do Partido dos Trabalhadores e sua participação nas eleições de 1982 em São Paulo. Campinas. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1987.

MILBRATH, L. **Political Participation**: How and why do people get involved in politics? Chicago: Rand McNally, 1965.

NORRIS, P. Political activism: new challenges, new opportunities. *In*: BOIX, C.; STOKES, S. C. **The Oxford handbook of comparative politics**. Oxford: Oxford University, 2007. p. 628-652.

_____. **Critical citizens**: global support for democratic governance. Oxford: Oxford University, 1999.

OKADO, L. T. A. Valores emancipatórios e participação política em países da América Latina. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

PALUDO, J. R. **Participação de alta intensidade e militância dos filiados de base do PT no Brasil**. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

PALUDO, J. R., BORBA, J., & GIMENES, É. R. Participação de alta intensidade entre os filiados ao Partido dos Trabalhadores no Brasil. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 27, n. 2, 2018.

PUTNAM, R. D. (Org.). **El declive del capital social**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2003.

RIBEIRO, P. J. F. **Dos sindicatos ao governo**: a organização nacional do PT de 1980 a 2005. São Carlos. Tese (doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, 2008.

RIBEIRO, P. J. F.; AMARAL, O. E. (2019). PARTY MEMBERS AND HIGH-INTENSITY PARTICIPATION: EVIDENCE FROM BRAZIL. *Revista de Ciencia Politica*, 39(3).

RIBEIRO, E.; BORBA, J. **Participação Política na América Latina**. Eduem, Maringá, 2015.

Scarrow, S. E. (2019). Multi-Speed Parties and Representation: The Evolution of Party Affiliation in Germany. *German politics*, 28(2), 162-182

SCARROW, S. **Beyond party members**: Changing approaches to partisan mobilization. New York: Oxford University Press, 2015.

Scarrow, Susan. 2007. Political activism and party members. In: R. J. DALTON e H. KLINGEMMAN. *The Oxford Handbook of Political Behavior*. Oxford: Oxford University, p. 636-654.

SEYD, P., & WHITELEY, P. (1992). *Labour's grass Roots: The politics of party membership*. Oxford University Press.

SINGER, A. **Os sentidos do lulismo**. Reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SINGER, A. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

SPECK, B. W. Nem ideológica, nem oportunista: a filiação partidária no contexto pré-eleitoral no Brasil. **Cadernos Adenauer**, v. 14, n. 2, p. 37-60, jun. 2013.

Van Haute, E., Paulis, E., & Sierens, V. (2018). Assessing party membership figures: the MAPP dataset. **European political science**, 17, 366-377.

VAN HAUTE, E.; GAUJA, A. (Ed.). **Party members and activists**. 1. ed. Routledge, 2015.

WITHELEY, P. 2011. *Is the party over? The decline of party activism and membership across the Democratic World*. **Party Politics**, v. 17, n. 21.

WITHELEY, P. F.; SEYD, P. **High intensity participation**: The dynamics of party activism in Britain. Ann Arbor, MI: University of Michigan, 2002.

WHITELEY, P., LARSEN, E., Goodwin, M., & Clarke, H. (2019). Party activism in the populist radical right: The case of the UK Independence Party. **Party Politics**, 1354068819880142.